

TUMULTO



Alessia de Biase*

Por uma postura antropológica de apreensão da cidade contemporânea

De uma antropologia do
espaço à uma antropologia da
transformação da cidade

Duas disciplinas, uma em que o espaço está no centro das preocupações e a outra em que o espaço é o contexto das interações. Esta foi desde sempre a definição da relação com o espaço da Arquitetura e da Antropologia. Esta foi também a base das relações que poderiam se estabelecer entre ambas as disciplinas.

Formada em Arquitetura e Urbanismo na Itália, defendi uma tese de doutorado em Antropologia Social e Etnologia, na França, na EHESS.¹ “Trabalhar com quem habita as casas e as cidades”, eu dizia à Franco La Cecla meu orientador de mestrado em arquitetura durante o meu primeiro trabalho etnográfico no bairro da Goutte d’Or em Paris, “é bem mais interessante e ativo para ‘fazer a cidade’ do que conceber, sozinha, essas casas e essas cidades...!” Vários anos se passaram e eu continuo a pensar que trabalhar com os habitantes é fundamentalmente uma maneira de trabalhar ativamente sobre a cidade, sobre “fazer a cidade”. “Bem naturalmente”, por causa

* arquiteta, antropóloga, coordenadora do Laboratório
Arquitetura/Antropologia – LAA/LAVUE/CNRS -
ENSAPLV/ Paris-França

tradução: Paola Berenstein Jacques

dos meus estudos em Arquitetura e Urbanismo, eu cheguei à Antropologia: na verdade tive a sorte de encontrar no meu caminho vários personagens, arquitetos, urbanistas, como Giancarlo de Carlo,² que me formaram a um certo tipo de olhar que não se restringe aos limites disciplinares e que se constrói a partir de uma abordagem sensível da cidade. Minha chegada na Antropologia não é de forma alguma ligada a uma impossibilidade de fazer teoria em Arquitetura e Urbanismo,³ mas sim a uma vontade de me formar a uma escuta do Outro, a uma compreensão da ideia que este se faz de outros e finalmente à apreensão de outras formas de olhar o mundo. Esta busca ao longo dos anos e das pesquisas de campo se transformou naquilo que, no *Laboratoire Architecture/Anthropologie*,⁴ nós chamamos de uma abordagem antropológica que, como veremos, vai bem além dos limites da própria disciplina.

Por estranhos desvios de heranças,⁵ foi a partir de minha formação como antropóloga que eu redescobri uma grande afeição por alguns urbanistas humanistas, como Patrick Geddes no começo do século XX, e foi a partir do Urbanismo, consequentemente, que eu alimentei a minha necessidade de transformar os discursos, as narrativas individuais em narrativas coletivas, e a me questionar infatigavelmente sob quais formas (gráficas ou não) estas últimas podem ser traduzidas para participar ativamente do “fazer a cidade”. Todo meu trabalho é no sentido de fazer dialogarem as duas abordagens, antropológica e urbanística, de buscar formas de as fazer trabalharem juntas para se pensar a cidade e para pensar que os limites colocados muitas vezes entre as disciplinas seriam apenas uma distância entre diferentes formas de olhar.

ENCONTROS NO PASSADO

A Antropologia e a Arquitetura já tentaram no passado alguns encontros mais ou menos

férteis e formalizados mas sem chegar a fundar um verdadeiro campo disciplinar próprio. A partir dos anos 1980, houve na França uma necessidade de fundar uma Antropologia do espaço para “reagir” principalmente à produção modernista da cidade que ocorreu desde o final da Segunda Guerra Mundial e nos anos 1960 através dos estudos das arquiteturas ditas tradicionais.⁶

Arquitetos, sociólogos, psicólogos e antropólogos (em grande minoria), começaram então a organizar seminários, colóquios, fundar laboratórios de pesquisa,⁷ cursos nas escolas de arquitetura,⁸ para se confrontar e organizar um pensamento crítico e suas ferramentas operacionais. A leitura do estudo do vilarejo Bororó de Claude Lévi-Strauss (1958), *La dimension cachée* de Edward T. Hall (1971), *Anthropologiques* de Georges Balandier (1976) e as primeiras reflexões de Georges Condominas sobre o conceito antropológico do espaço social (1977), formam as primeiras bases teóricas deste grupo cujo perímetro continua bem circunscrito até hoje. Em 1983 torna-se o ano de “fundação” da Antropologia do espaço uma vez que duas ocasiões se apresentam para tornar pública essa abordagem: a publicação de *Anthropologie de l'espace* de Françoise Paul-Levy e Marion Segaud na nova coleção do Centre Georges Pompidou e o colóquio “Espace Habitat Société” no Musée de l'Homme, organizado por aqueles e aquelas que fundaram o atual *Laboratoire Architecture/Anthropologie*.

As bases dessa abordagem, que se pretendem necessariamente interdisciplinares, são fundadas sobre o princípio:

[...] de um lado tratar do espaço como categoria explicativa assim como as organizações sociais, os sistemas político-econômicos, os sistemas de valores, e de outro lado elaborar os conceitos e métodos, as problemáticas necessárias para a existência de

uma antropologia que tenha o espaço como objeto.
(PAUL-LEVY; SEGAUD, 1983, p. 26)

Estas propostas compartilhadas pela necessidade de mostrar a questão espacial como uma chave para a compreensão de culturas outras, tornaram-se muito menos interessantes a partir do momento em que olhamos os resultados produzidos por esta Antropologia do espaço onde infelizmente esta necessidade científica foi traduzida pela completa exclusão de outros dados (econômicos, políticos, sociológicos etc.) necessários em contrapartida para a compreensão dos lugares de forma mais complexa.

E aqui achamos nosso primeiro questionamento, o que é esse espaço de que fala a Antropologia do espaço? O espaço é dado, na definição que eles nos propõem, como “o significado do termo utilizado pelos arquitetos e urbanistas.” (SEGAUD, 2007, p. 12) Mas, qual é este significado, não sabemos exatamente e, por tomar como testemunhas arquitetos e urbanistas, eles se sentem isentos de afirmar uma posição científica e se esquivam de enunciar, dentro dos dois campos disciplinares, a definição do que seria um espaço, o que pode ser encontrado em muitas páginas de literatura científica.⁹ Do que podemos compreender de sua forma de considerar o espaço, eles se referem mais a uma questão geométrica regida pelas medidas (escala e dimensão) e pela distância (FARINELLI, 2003): uma realidade absoluta, atemporal, topológica¹⁰ do que a uma questão, ao contrário, dos lugares que são caracterizados pela presença humana, impregnados de história, relacionais, imprecisos geograficamente, espaços praticados, *chôrologiques*.¹¹ O que pode parecer contraditório com relação aos seus objetos privilegiados de pesquisa, a arquitetura vernácula e seus usuários, e à afirmação de sua posição crítica ao Movimento Moderno em Arquitetura e Urbanismo,

mas se observamos atentamente essa abordagem e os tipos de objeto que esta Antropologia do espaço queria analisar nos encontramos continuamente e sistematicamente com os *topoi*. E na verdade as classificações, os catálogos tipológicos, muito “estáticos” (ABELES, 1984, p. 111) devem ser testados de maneira comparativa nas arquiteturas e nos lugares tradicionais, a partir de quatro universais (habitar, fundar, distribuir e transformar) definidos como “marcadores significativos das relações dos homens ao espaço” (SEGAUD, 2007, p. 12) Estes trabalhos de classificações (chamados de “etno-arquitetura”) se mostram bastante “operacionais” para os arquitetos lhes dando os elementos simbólicos e técnicos imediatamente utilizáveis: situações estáveis e estáticas que poderiam seguramente se tornar fáceis pontos de apoio para dar mais sentido a projetos arquitetônicos.¹²

“Essa classificação é tão operatória para as sociedades de ontem quanto para aquelas de hoje em mutação acelerada.” (SEGAUD, 2007, p. 12), e é então utilizada para trabalhar tanto nas arquiteturas tradicionais do mundo todo quanto para estudar o segundo tipo de espaço privilegiado de estudo desta antropologia: a habitação a princípio de massa e depois as experimentações dos arquitetos.

Por um lado, as arquiteturas tradicionais levam a descobrir o Outro longínquo ao trabalhar principalmente com os levantamentos dessas arquiteturas e suas práticas associadas, reduzindo assim por vezes a complexidade das situações estudadas pelos pesquisadores.¹³

Por outro lado, esta “ação crítica contra o modernismo” se desenvolve em torno do estudo de práticas de habitar e de desvios espaciais desenvolvidos pelos habitantes nos grandes conjuntos habitacionais, lugar por excelência da expressão dos dogmas modernistas. A questão da habitação se torna então o campo ideal para trabalhar esta “operacionalidade”, necessária entre

arquitetos e pesquisadores em Ciências Humanas e Sociais, cujo objetivo era de encontrar princípios para uma melhor produção de habitação. Este tipo de trabalho produziu um nicho muito importante ligado à recepção e avaliação das arquiteturas pelos habitantes.¹⁴

As posturas científicas e críticas louváveis, tanto na França produtiva e construtiva das *Trente Glorieuses*¹⁵ quanto da pesquisa nas escolas de arquitetura que viram nas suas experiências seu primeiro impulso, sofrem de uma fraqueza de origem: uma espacialização extrema e cega que levou a não se desejar colocar estas experiências dentro de uma tradição científica que começou bem antes e fora da França.

SE ESPECIALIZAR ...

Inicialmente a especialização científica efetuada ao longo dos últimos séculos, pelos modernos,¹⁶ levou e leva ainda hoje à uma impermeabilidade disciplinar cada vez mais forte (sobretudo pela linguagem, que se tornou um jargão enigmático para a maioria dos leitores) e a pesquisadores cada vez mais fechados em sua especialidade sem ter mais qualquer tipo de “visão do conjunto” e a horizontes científicos cada vez menores. Paradoxalmente, a Antropologia do espaço sofreu desta especialização, desde seu início pela escolha deste termo – espaço – usado para descrevê-la, decliná-la com relação às outras antropologias, tinha-se, por seu valor fora da escala (e do tempo) dada ao termo, tanto a possibilidade de se incluir todas as tradições e experiências espaciais outras (criando-se assim um verdadeiro “campo” como nos *studies* norte-americanos), quanto ao mesmo tempo e em completa contradição, a impossibilidade, por sua amplitude, de construir e de identificar claramente o seu objeto de estudo. E, então, neste desejo de especialização reencontramos uma forma de cegueira com relação a todos os

florescentes cruzamentos disciplinares em torno do espaço experimentado em outros campos e, mais particularmente, um enfraquecedor distanciamento da Antropologia urbana muitas vezes considerada como uma “outra Antropologia”, uma outra especialização, como se o espaço da cidade não pudesse ser o tema de um diálogo comum. Este distanciamento é causado, pelos autores da *Anthropologie de l'espace*, pelos objetos de pesquisa da antropologia urbana (a minorias, os efeitos da grande cidade sobre a organização social, as redes etc.) que se concentram em “compreender a exceção mais do que a regra” (SEGAUD, 2007, p. 26), os lugares mais do que os espaços, eu diria, no lugar de pesquisar os *topoi* da relação homem/espaço em todos os contextos e culturas.

Assim as experimentações metodológicas tais como a “observação flutuante” que Colette Petonnet (1979), nesses mesmos anos, inicia nas periferias de Paris em plena transformação dialogam muito pouco com os estudos sobre esses mesmos lugares, os conjuntos habitacionais, feitos por arquitetos e sociólogos deste grupo (*Anthropologie de l'espace*).

Também estão ausentes os importantes posicionamentos dos antropólogos franceses tais como Gerard Althabe ou Marc Augé, que, nestes mesmos anos, fundam uma *anthropologie des mondes contemporains* (Antropologia dos mundos contemporâneos) que faz da cidade um dos lugares privilegiados para observar as mudanças e experimentar uma etnografia do presente. (ALTHABE, 1984, 1992; AUGE, 1992, 1994)

E finalmente, é curioso o esquecimento da reflexão sobre o espaço feita por Michel de Certeau em 1980 no primeiro volume do livro *L'Invention du quotidien*, relido e redescoberto na França somente depois de sua passagem pelos EUA.¹⁷

A linha de separação se concretiza, evidentemente, tanto em torno dos objetos e

a sua escala, quanto em torno das abordagens epistemológicas utilizadas: a Antropologia do espaço só pode ser profundamente e categoricamente estruturalista e dificilmente poderia dialogar com todos aqueles que, na mesma época, não procuravam nem leis nem regularidades para explicar a relação entre o espaço e a sociedade, procurando ultrapassar, na antropologia ou em outras disciplinas, esta visão do mundo.

A Antropologia do espaço, como acabamos de ver, decide se “isolar” com relação ao importante debate intelectual, sobretudo pós-estruturalista desses mesmos anos, que toma a questão espacial e, mais precisamente, a cidade como objeto científico privilegiado.

Mas esse isolamento está indiretamente relacionado a uma outra especialização, tipicamente francesa, dos objetos destas antropologias: a separação entre arquitetura e urbanismo. Trata-se de uma triste fratura acadêmica francesa entre as duas disciplinas, já que nos outros países europeus, o Urbanismo é estudado nas faculdades de Arquitetura.¹⁸ Assim, na Itália por exemplo,¹⁹ uma apreensão da cidade na grande escala do planejamento urbano e de desenvolvimento (do ponto de vista histórico, teórico e técnico), e uma apreensão do objeto arquitetônico são ensinados no mesmo curso universitário, “Arquitetura”. O que forma o olhar com mais ferramentas sem nunca se dividir, como infelizmente é feito aqui na França, de maneira muito violenta, ao dividir as escalas de ação e de reflexão, e sobretudo as Ciências Sociais e Humanas do projeto arquitetônico e urbano. Esta separação, entre Ciências Sociais e Humanas e o projeto arquitetônico e urbanístico, muda completamente o horizonte dentro do qual trabalhamos: neste corte, de fato, o projeto passa a ser algo mágico, Alban Bensa (2006, p. 334) fala de uma “alquimia” do arquiteto, a partir de sua experiência colaborativa com Renzo

Piano. Um momento muito exclusivo, onde são requisitadas altas competências técnicas que apenas o arquiteto teria acesso. Mas dentro desta economia temporal do projeto, nós sabemos que esta parte dita “técnica” corresponde somente uma parte ínfima, e que não é fundamental ao próprio projeto. Giancarlo de Carlo, em magistral artigo de 1973, expressa a necessidade de voltarmos a pensar a Arquitetura e o Urbanismo como parte das Ciências Humanas e de nos desligar desta visão romântica da arquitetura como “criação”, que a liga progressivamente ao mundo da arte contemporânea. A arquitetura são as pessoas e nada mais, ele dizia. As derrapagens desta “mágica projetual” nós podemos encontrar de forma espetacular nos *archistar* que produzem “esculturas” mundo afora (LA CECLA, 2010; DE BIASE, 2007, 2008)²⁰ mas também, e em grande quantidade, nos projetos bem mais modestos elaborados em algumas escolas de arquitetura onde o ensino do projeto se reduz a uma questão de forma, de função e de técnica, sem nunca levar em consideração a dimensão social e o complexo jogo de atores subjacente.

INSERIR-SE EM UMA HISTÓRIA

O segundo ponto fraco da Antropologia do espaço é uma certa negação histórica com relação a outras experiências similares em outros lugares do mundo e também em outras épocas. “Esta ausência de consideração ao contexto, o princípio mesmo da *tabula rasa*”, eram justamente as críticas que a Antropologia do espaço fazia ao Movimento Moderno em Arquitetura e Urbanismo (SEGAUD, 2007, p. 25) mas essas críticas retornaram de forma surpreendente, como um *boomerang*, contra ela.

Na verdade as necessidades “transdisciplinares” como poderíamos chamá-las hoje, levantadas pela questão do espaço nos anos 1980, nós as herdamos de muito longe apesar

da linhagem mais corrente e reconhecida por diferentes autores passar sempre por três arquitetos que trabalharam com a arquitetura vernácula: Bernard Rudofsky, Paul Oliver e Amos Rapoport (cf. VIARO; ZIEGLER, 2007, p. 22-23). O primeiro com a célebre exposição fotográfica no MoMa em New York, “Architecture without architects” em 1965, o segundo, que escreveu em 1967 *The need for the New Approach*, que se tornou um dos textos fundadores sobre o *habitat* vernáculo e a inspiração que este deve ser para os arquitetos; e por fim o terceiro com o livro *Pour une anthropologie de la maison*, lançado na França em 1972, com um primeiro esboço de uma teoria da casa.

Esta curta genealogia proclamada nos explica muito deste estreitamento, à Arquitetura sozinha, da problemática inicial talvez muito abrangente. Com relação às questões de uma transdisciplinaridade e das experimentações metodológicas (além das escolas de pensamento e das correntes de referência) para se aproximar das problemáticas espaciais e sociais que trabalham em todas as escalas, nos parece importante hoje – no sentido de, talvez, reconstruir nossa filiação e nossa herança – não esquecer das experiências começadas na Europa no final do século XIX. Me refiro particularmente ao urbanismo humanista nascido na Inglaterra em reação às violentas operações urbanas efetuadas nas grandes capitais européias e à falta de cuidado com o cotidiano dos habitantes. Vão neste sentido, e com uma impressionante contemporaneidade, as críticas que Patrick Geddes (1854-1932) formula, em 1904, sobretudo com relação ao Barão Haussmann e à Joseph Stübben.²¹

Atrás dos grandiosos bastidores da modernidade um conhecimento mais íntimo da cidade e dos habitantes revela o fato de que, apesar do crescimento moderno da riqueza, a família média parisiense tem menos espaço hoje para viver nos

*novos prédios que antes nos antigos, e isto com custos mais caros para os aluguéis e os impostos.*²²

Mas quem é Patrick Geddes? Ele é um biólogo e botânico anárquico do final do século XIX que revolucionou, no início do século XX, a maneira de apreender, olhar, pensar a cidade ao inventar metodologias transdisciplinares, dentre as quais, algumas hoje se tornaram rotinas, por vezes tidas como dadas, para todo plano urbano: o diagnóstico (*survey*) antes do plano, por exemplo.²³

*Geddes introduziu um tipo de planejamento fundado sobre o tempo, a paciência, o cuidado amoroso do detalhe, a interrelação atenta entre passado e futuro, a insistência sobre a escala humana e sobre as aspirações humanas [...] e finalmente a disponibilidade de deixar uma parte essencial do processo para aqueles que estão intimamente implicados: os cidadãos.*²⁴

Esta atenção ao cotidiano, e às formas de habitar das pessoas, pode ser encontrada depois no próprio Congresso Internacional de Arquitetura Moderna (CIAM) a partir de 1953, quando um grupo de jovens arquitetos, o *Team Ten*²⁵ começou a perceber os limites dos princípios definidos pela Carta de Atenas e as derrapagens que eles poderiam criar ao aplicá-la. Em suas ações, eles se inscrevem claramente na genealogia começada por Patrick Geddes e outros anarquistas humanistas do século XIX e o começo do século XX.²⁶ A partir da desconstrução da complexa relação entre espaço e sociedade, motivo de luta do Movimento Moderno, tratado a partir de um pensamento dual de causa/efeito, eles se opunham violentamente aos processos binários e lineares que buscam, por um lado, simplificar as situações e, por outro, pensam resolver e encontrar soluções a partir de regras universais. A necessidade de um trabalho de projeto com os habitantes ganha então importância tanto

nas experimentações de participações²⁷ quanto no nascimento de uma necessidade declarada por arquitetos como Giancarlo De Carlo de solicitar uma avaliação das arquiteturas pelos habitantes. A mesma inquietude fundará, alguns anos depois, o nicho da antropologia do espaço que tem como eixo a recepção das arquiteturas e a avaliação pós-ocupação.

Nunca falamos de como os destinatários usam ou podem usar o prédio que os foi destinado: se eles correspondem bem, de forma medíocre ou mal a suas necessidades. O julgamento da obra arquitetônica é sempre feito de forma completamente independente do seu uso. A obra é julgada boa, medíocre ou ruim segundo valores que realmente são figurativos [...] Sempre evitamos o discurso daqueles que usam como se fosse um argumento banal ou grosseiro: em realidade nós pensamos que a arquitetura, considerada como arte, não pode ser, por definição, contaminada com aspectos concretos da realidade cotidiana. (DE CARLO, 1973, p. 90-91)

A busca por interlocutores de outras disciplinas²⁸ para reunir todas as competências necessárias para elaborar melhores projetos se torna um fato real. Retomando completamente o ensino geddesiano, o projeto, em qualquer escala, da arquitetônica à urbanística, é proposto como um processo onde o habitante como todos os outros atores implicados, inclusive o arquiteto urbanista, trabalham juntos.

A antropologia começa então a aparecer como uma referência e números inteiros da revista criada por Giancarlo de Carlo em 1977, *Spazio e Società*, foram dedicados à etnografias e à arquitetura tradicional e experimentando comparações entre estas e as arquiteturas modernas. Os ensaios de antropólogos, geógrafos, urbanistas ou arquitetos criaram um grande

lugar de debate nos cruzamentos disciplinares. Na França, à exemplo da Itália, é criada a revista *Espace et société* seguindo um pouco a mesma linha, mas se tornou depois uma revista com vocação interdisciplinar mas identificada, ao contrário da italiana, exclusivamente de Ciências Humanas. Este pequeno exemplo anódino, nos mostra mais uma vez a complexidade da relação entre Ciências Humanas e Sociais, Arquitetura e Urbanismo.

A escolha de não inserir-se numa grande tradição internacional do século XX é sem dúvida um ponto fraco desta antropologia do espaço que ao invés de se reconhecer nesta ilustre genealogia decide se isolar ao fechar cada vez mais seu perímetro de ação a partir do momento que seus objetos privilegiados perdem importância com relação à evolução da sociedade.²⁹

POR UMA POSTURA ANTROPOLÓGICA

Mas porque fazer essa crítica? Qual o seu sentido?

Eu coordeno um dos laboratórios que fundaram esta *anthropologie de l'espace*, o *Laboratoire Architecture/Anthropologie*, e esta crítica me interessa para compreender o que hoje quer dizer fazer pesquisa com objetos espaciais misturando disciplinas, como a Arquitetura ou o Urbanismo, com a Antropologia.³⁰

Me parece importante, para compreender os diferentes caminhos que se abrem para nós e talvez chegar a escolher e propor um caminho, se deter um instante sobre a ideia de “arquitetura”: se por arquitetura consideramos o objeto acabado e estático, projetado e contruído (prédio tradicional ou não, ou habitação), nós estamos e nos encontramos face a pesquisas que defendiam uma abordagem transdisciplinar entre arquitetura e antropologia, hoje escolhendo como objetos o que Christelle Robin tinha com muita propriedade chamado de “exportação de modelos” (1992): de

um lado nós temos a arquitetura neo-tradicional, profundamente nostálgica, produzida pelas grandes potências imobiliárias e que hoje abrange as periferias do mundo todo como uma cenografia de um passado idílico, mas que nunca existiu. (DE BIASE, 2007, p. 45; LOUBES, 2008) E por outro lado, na mesma lógica, temos as produções dos *archistar* que inserem no mundo todo objetos que desafiam a cada concurso as leis estáticas propondo, ainda, uma cega confiança na idéia de que o avanço tecnológico determinará inelutavelmente nosso futuro. (BIASE, 2007, p. 45; LOUBES, 2008) Devemos atentar ao risco de cairmos numa semiótica do espaço mais ligada à forma do que ao sentido e ao uso.

Mas se consideramos – reevindicando uma filiação e a herança escolhida – a “arquitetura”, não somente como um objeto³¹ mas também como um processo de produção espacial coletiva em contínua negociação, encontraremos campos que se abrem para uma antropologia de novos e interessantes objetos.

Nesta compreensão não estática da arquitetura, é preciso que julguemos que está resolvida a distinção entre a elaboração do problema (e a análise preliminar ou diagnóstico), a concepção e execução e os usos (DE CARLO, 1973, p. 128; CALLON, 1996): todos estes componentes são o projeto e fazem parte dele ao mesmo tempo, e um não é mais importante do que os outros. Na separação tradicional, ao contrário, par cada fase correspondem atores que tem um tipo de intervenção muito “especializada”³² sem que nenhum deles, somente o arquiteto, tenha um visão de conjunto do processo todo. Esta visão bem tristemente especializada, de um lado impede efetivamente de considerar os atores de todas as disciplinas como *planners*, como Geddes os chamava, e de outro lado, por consequência, favorece a uma desresponsabilização desses

mesmo atores que são considerados “secundários” com relação ao projeto final. A questão da responsabilidade, que considero fundadora de uma abordagem do projeto, deveria ao contrário ser compartilhada desde o início por todos os atores envolvidos, partindo do exemplo de uma “desinfantilização” do habitante que poderia assumir em todo o processo um estatuto de *planner* tanto quanto os arquitetos, urbanistas, pesquisadores em ciências humanas e sociais, e demais atores implicados.

A responsabilização, tipicamente geddesiana, de todos os atores produz um *prendersi cura* (tomar cuidado) que muda completamente as perspectivas e os horizontes de ação.

O problema que os prédios nos colocam é exatamente o oposto do célebre estudo de Étienne Jules Marey sobre a fisiologia do movimento. Ao criar o seu ‘fuzil fotográfico’, Marey queria fixar numa sequência de imagens o fluxo contínuo do vôo de uma gaivota para compreender o mecanismo, o que nenhum observador tinha conseguido até então. Nós temos a necessidade do contrário, pois nosso problema é que os prédios sempre parecem terrivelmente estáticos. Parece impossível compreendê-los pelo movimento, como ‘vôo’, como uma série de transformações. Como nós sabemos todos – e particularmente os arquitetos, bem entendido – um prédio não é um objeto estático, mas sobretudo um projeto em movimento, e que mesmo já contruído, ele continua sendo transformado por seus usuários, continua sendo modificado pelo que acontece dentro e fora, que ele vai ser demolido ou renovado, muitas vezes alterado e transformado até ficar irreconhecível. Nós o sabemos, mas nosso problema é que não temos um equivalente do fuzil fotográfico de Marey, já que, quando nós reproduzimos um prédio, ele tem sempre a forma de uma estrutura fixa, impassível, impressa em quatro cores nas

revistas de luxo folheadas pelos clientes nas salas de espera dos escritórios de arquitetura. Se Marey tinha se frustrado por não poder representar o vôo de um passaro numa sequência de imagens fixas, quanto não estaríamos contrariados de não poder representar o fluxo do projeto que forma um prédio sob a forma de um movimento contínuo. (LATOUREYNEVA, 2008, p. 80)

Esta ideia de arquitetura que não se reduz somente ao objeto mas que convoca também o tempo, e as diferentes práticas envolvidas pode se tornar um *objet scientifique* a ser estudado ou praticado na ação. Seguir esse “fazer arquitetura” ou o “fazer cidade”, quer dizer buscar entender como apreender, analisar e restituir a mudança e a transformação. No lugar de persistir analisando o objeto arquitetônico como uma coisa pronta, estática e acabada, a ideia do movimento nos abre a possibilidade de ver o projeto, como nos mostrou Geddes no início do século XX, como um jogo contínuo, onde todos os atores continuam a negociar, ninguém ganha ou perde, mas todos aprendem de maneira responsável formas de negociar juntos.

O que fazer então? Quais objetos trabalhar neste laboratório de pesquisa? Como “reconstruir”, sem trair, o projeto científico deste laboratório, procurando produzir uma pesquisa que possa ser inscrita no mundo que nos rodeia? Os objetos estudados no passado, além das críticas aqui formuladas, deveriam nos levar a compreender que eles poderiam ser suas possíveis e necessárias transformações para fazer uma “Antropologia” que deveria levar em conta a profunda transformação do mundo nas últimas décadas.

Um primeiro passo foi o de compreender o que poderia ser esta “Antropologia”. Era uma “obrigação acadêmica” ou como dizia Pierre Clément uma “iniciação a mundo longinquo” para

os arquitetos? Nós tínhamos entendido, ao nos obrigar a fazer o trabalho de campo em conjunto³³, que a Antropologia não era somente uma disciplina, mas seria uma postura, uma forma de apreender, de abordar e de olhar de dentro, intimamente, criar ferramentas, toda uma maneira de fazer, de pensar e de estar frente ao outro que merecia uma atenção constante aos detalhes e a sua necessária articulação com as grandes escalas (espaciais ou narrativas) – este famoso “estrabismo metodológico” de que Marc Augé havia me falado. (DE BIASE; ROSSI, 2006) Esta antropologia é também um tipo de produção científica que defende e quer traduzir e tornar legíveis os processos, compreender os mecanismos e pensar as suas maneiras de mostrá-los. (TAUSSIG, 2005) Uma antropologia que, como a arquitetura³⁴, reivindicaria além de sua filiação a uma disciplina, uma ligação com uma postura e um tipo de “produção”: uma antropologia que poderia ser defendida, praticada e reivindicada pelos arquitetos, urbanistas e atores de outras disciplinas.

POR UMA ANTROPOLOGIA DA TRANSFORMAÇÃO

Diante de um mundo que se quer quase totalmente urbanizado como diria Marc Augé em 1992, nós estamos inevitavelmente confrontados com a questão da cidade.³⁵ Um jogo de escalas era necessário e uma articulação entre escala arquitetônica e escala urbana que nos pareceu finalmente clara na pesquisa sobre a questão do morar em prédios altos hoje em Paris (“LAA”, 2009). Para compreender as questões reais colocadas, tivemos que rapidamente sair da escala do prédio, do *habitat*, para trabalhar a escala do olhar, do horizonte e da paisagem: as torres dos prédios só tinham sentido, e só poderiam levar a projetos futuros, se trabalhássemos com a escala urbana e paisagística. O salto de escala, que poderia passar despercebido, mudou completamente o olhar dos habitantes sobre sua forma de habitar, dos

administradores que nos contrataram para essa pesquisa sobre seu próprio objeto e finalmente do nosso próprio olhar o que nos ajudou a fazer um salto heurístico na definição de nosso objeto científico.

A cidade vista como algo profundamente material, em contínuo movimento e negociação, se tornou então o contexto adequado para nossa antropologia. Do nosso passado e de nossa estimulante ancoragem dentro de uma escola de arquitetura, nós escolhemos herdar o *savoir-faire* com esta “materialidade”, o saber trabalhar com o “concreto” que, como se sabe, deriva de *cum + crescere*, crescer junto. (BERQUE, 2010, p. 66)

Explorar as questões de uma antropologia da transformação da cidade se tornou então o nosso objeto: uma cidade que não é um simples cenário das interações do grupo estudado, uma cenografia, mas é um processo material e simbólico de espaços e tempos que são continuamente imaginados, narrados, negociados e projetados pelas pessoas que o habitam, por aqueles que os controem e os administram e por todas as restrições (materiais, políticas, econômicas etc.) que vão surgindo paulatinamente. Os processos materiais, que transformam a cidade, os discursos que participam destas transformações, são tão entrelaçados que é necessários analisá-los de forma conjunta para poder entender suas complexidade e interdependências: foi preciso alargar nossos horizontes e receber novos olhares.

Aprender a olhar, falar e trabalhar juntos em torno de um objeto, como a transformação, se tornou então um dos nossos desafios: se desarmar, parafraseando Georges Didi Huberman (2010), de seus *habitus* disciplinares (sem nunca renunciar a suas próprias ferramentas) – processo extremamente complicado e longo de se colocar em prática, um verdadeiro exercício de paciência – para se rearmar de um novo olhar e uma nova linguagem em

comum. Esta implementação constante de uma abordagem transdisciplinar se tornou uma de nossas necessidades científicas que foi traduzida na construção contínua de ferramentas conceituais e metodológicas que permitissem apreender a transformação na articulação de escalas e horizontes espaciais e temporais.

Dentro desta Antropologia da transformação, três tempos e três escalas de análise se cruzam sem parar: a cidade herdada, a cidade habitada, ou a cidade do presente que se faz e desfaz continuamente; e por fim a cidade projetada, que se confronta constantemente com seu horizonte futuro. Entendemos logo que estudar o “fazer a cidade”, queria dizer nos impedir de escolher um desses três tempos, e também de prever, ao contrário, como os manter constantemente juntos, de os recompor constantemente, mesmo anacronicamente, para compreender a profundidade das ações.

E assim nós começamos a procurar trabalhos de campo que poderiam nos colocar a prova, e que poderiam transformar nossas formas de olhar o mundo. Primeiro, frente ao espetáculo da demolição dos grandes conjuntos habitacionais modernistas – destes modelos de habitar que foram um dos objetos privilegiados da *anthropologie de l'espace* – e as novas propostas de ideias de cidade e de habitar juntos, nós escolhemos o caso dos 4000 *sud de La Courneuve* para compreender, não tanto como se vive em um lugar estigmatizado (o que nos teria levado a uma antropologia urbana mais clássica),³⁶ mas sim como “se dá” a transformação (material, formal, simbólica, política, econômica e sociológica) deste território desde a sua construção (final dos anos 1950). Um trabalho de campo ainda aberto, em contínua atenção de nossa parte, que encontrou sua forma de expressão em um *site* internet (www.laa-courneuve.net), para buscar relatar esta complexidade desta antropologia da transformação,

um pouco como o fuzil fotográfico de Marey (BIASE, 2010; 2011a; 2011b; LAA, 2009).

Da mesma forma mas explodindo a escala, nós começamos a contruir de forma modesta e paciente³⁷, uma antropologia do *Grand Paris*, objeto impossível de identificar e, por sua imensidão, impossível de se fazer etnografias, como dizia de maneira justa Michel Agier (2009, p. 9), mas que nos caiu como uma luva: estar no meio de um grande processo de transformação de uma cidade, uma capital, que fabrica continuamente ferramentas para ser pensada, projetada, imaginada nos próximos 20/30 anos.³⁸ Nós sabíamos muito bem que isto não era simplesmente uma questão de “forma”, era questão da relação “dentro/fora”, da maneira de reinventar um imaginário que pudesse englobar o que sempre esteve fora, as periferias (*banlieues*), de torná-las acessíveis e para isso assujeitadas a uma profunda e violenta mutação sociológica e fundiária. Mas também de compreender, numa escala maior, como Paris pode jogar com sua “posição” num contexto econômico e global que alimenta a competição entre as grandes metrópoles mundiais (financeirização dos processos de fabricação urbana e de atratividade global, Biase, Zanini, 2011). E ao mesmo tempo, articulando continuamente as escalas, como compreender como os habitantes narram esta transformação pelos detalhes, por uma prática ordinária da cidade e como isso pode dialogar sem parar com o resto. Evidente que assim ela parece uma empreitada cíclica sem saída e epistemicamente inviável. Na realidade, de forma paciente, nós trabalhamos os detalhes, procurando produzir descrições que se inspirariam também da observação minuciosa e poética das metamorfoses de Goethe, colocando em andamento trabalhos de campo paralelos em lugares onde esta transformação começava a ganhar uma forma.³⁹ Para tal criamos em 2008 o *Observatoire du Grand Paris*,⁴⁰ um tipo de *Outlook Tower*

geddesiana de hoje,⁴¹ habitada por antropólogos, urbanistas, especialistas sonoros, cientistas políticos, economistas, botânicos, filósofos, geógrafos, moradores, historiadores, que pouco a pouco tentavam compreender juntos essa transformação metropolitana.

Esta antropologia da transformação da cidade requer sem dúvida paciência, um conhecimento íntimo dos lugares, mesmo se isso possa parecer paradoxal tendo em vista a escala do objeto, e a colaboração entre as disciplinas para chegarmos a um *prendersi cura* da cidade.

Na expressão italiana *prendersi cura*, utiliza-se o *cura* latino, que não só é o cuidado mas também o monitoramento, a atenção e o interesse dedicado ao tema; seus derivados são, entre outros, a segurança (*sine-cura*) e a *curiositas*, a curiosidade. No mesmo sentido que Geddes deu no início do século passado ao *take care* cotidiano da cidade, mas também o *caring for* de Carol Gilligan et Joan Tronto, que incitaram, nos anos 1980-90, uma responsabilização dos indivíduos no cuidado do mundo e também à “ética como política do ordinário” de Sandra Laugier hoje (2009, p. 80-88).

Em francês, a *cura* se restringe ao ambiente médico, perdendo assim toda essa riqueza semântica que permite associá-la tanto à *curiositas* quanto à *securitas* da cidade. Este sentido médico foi por séculos o centro das relações que o urbanista e o arquiteto estabeleciam com seu território, os transformando nos médicos que curavam a cidade-organismo. Neste sentido não podemos esquecer que o higienismo, nascido na França de Napoleón III se tornou a grande ferramenta dos “urbanistas cirurgiões”. Esse tipo de relação, demiúrgica, confere hoje à segurança um poder de cura que permite encontrar uma tradução espacial nos projetos de urbanismo. *Avere cura*, ao contrário, alarga nossa maneira de se relacionar com o espaço vivido, permite uma postura onde nos tornamos curiosos

da cidade que habitamos ou trabalhamos. Se trata de um convite a ter uma atitude de disponibilidade ou de interesse, a sermos *lovers* como dizia Patrick Geddes, com relação ao tema dado e estudado. Os pequenos gestos, as pequenas coisas que controem o cotidiano e que reinventam continuamente os compromissos necessários para que cada um possa encontrar seu lugar, tornam-se coisas que precisam *avere cura* para se compreender, no sentido de se tomar cuidado juntos, da cidade.


RECOMPOR

Neste sentido, tentamos continuamente recompor os saberes sobre a cidade para enfim a tornar legível, mas não *decifrável* (no sentido positivista, quantitativo) para o mundo. Tentar (*Essayer*), como nos diz Georges Didi-Huberman (2010, p. 98), é próximo de exigir, exigência: a palavra *essai* vem de *exagium* que deriva de *exigere*: “fazer sair qualquer coisa de outra coisa”. *Sempre retomar tudo de novo para reaprender* caracterizaria a atitude de Aby Warburg na sua incessante releitura do *Bilder Atlas* para experimentar outras possibilidades e caminhos de leitura (99). Esse tentar (*essayer*) contínuo, duvidoso e tateante, que nós praticamos para esta antropologia da transformação, nos aproxima da prática do artesão que ao fazer, ao tentar, pensava nas coisas. O verbo grego *poiain*, fazer, se aproxima das palavras poesia et poética. “os artesãos são todos *poiêtai*, fabricantes, [...] mas nós não damos a estas pessoas o nome de *poiêtai*, de poetas”. (PLATON; BANQUET, 205 b-c) Desde então, não paramos de aumentar a perigosa e triste separação entre a cabeça e a mão, entre a ciência e a técnica, entre o pensar e o fabricar, entre analisar e projetar e entre projetar e habitar, fazendo assim aumentar ainda mais esse paradoxo que pretende que teoria e empiria sejam dois mundos separados.

A empiria e a experiência são entretanto fundamentais para aprender e apreender as coisas, para estar no mundo. Neste sentido, o que nos interessa é explorar no “fazer a cidade” no seu ato, no seu processo de construção material que coloca em ação uma abordagem que poderíamos definir como artesanal de apreensão do mundo.

No fundamento do artesanato, encontramos três atitudes elementares: a faculdade de se localizar, de questionar e de abrir [...] A capacidade de se localizar mostra a faculdade de localizar onde acontece algo importante [...] A capacidade de questionar não é mais nem menos do que uma maneira de examinar os lugares [...] o que dá a experiência da curiosidade, uma experiência que suspende a resolução e a decisão que se está sondando [...] e finalmente a capacidade de abrir um problema se nutre de saltos intuitivos, especialmente do poder de aproximar domínios desiguais e de preservar um conhecimento tácito no salto de um a outro. O simples efeito de ir e voltar entre diferentes domínios de atividade leva a olhar de um novo olho os problemas. Quem diz ‘abertura’ diz ‘se abrir à’, no sentido de estar aberto à outras formas de fazer as coisas, à passagem de uma esfera de hábito a outra. Essa atitude é tão elementar que sua importância se tornou pouco conhecida. (SENNETT, 2010, p. 372-4)

A Antropologia da transformação é uma exploração da metamorfose urbana feita por pequenos gestos, ensaios, materiais recosturados, pedaços de pensamento colados uns aos outros e não por grandes ideias ou teorias... Fabricar um pensamento, é algo longo que requer tempo, nós pensamos que fazer as coisas de forma paciente, experimentar materialmente as pistas, pode nos ajudar a abrir portas que de outra maneira continuariam fechadas.

Trata-se, muito provavelmente, de uma empiria impertinente, a nossa, mas uma empiria impertinente cheia de ternura pelo mundo que nos rodeia. 

Notas

¹ École de Hautes Études en Sciences Sociales, tese de doutorado: *Gaúchos-vênitiens: anthropologie d'une double identité au Rio Grande do Sul, Brésil*, defendida em 2003, com orientação de Marc Augé, publicada em 2009.

² NdT: um dos primeiros arquitetos a trabalhar com a questão da participação nos projetos urbanos, fazia parte do grupo de jovens arquitetos modernos conhecido por *Team X* ou *Team 10* que faziam a crítica interna (dentro dos CIAMs) aos princípios funcionalistas da Carta de Atenas defendida por Le Corbusier.

³ Esta é a posição de alguns arquitetos/antropólogos, que consideram a Antropologia como uma 'iniciação' a mundos logínquos, como podemos ver também nesta citação emblemática de Pierre Clément (1987, p. 19) "Se o arquiteto se torna 'antropólogo é de um lado porque sua disciplina dá pouco espaço para as 'arquitecturas menores' sobre as quais este estuda ou de outro lado porque a arquitetura como disciplina, deixa pouco espaço ao trabalho teórico em geral; muitos se sentem então obrigados de se dirigir para outras disciplinas, para o campo da história ou da antropologia... Esta aproximação disciplinar que faço é pouco gloriosa, o arquiteto faz antropologia porque ele não poderia fazer outra coisa. Mas ele faz realmente Antropologia e, aí, pelo respeito à antropologia, eu diria não."

⁴ NdT. Laboratório Arquitetura/Antropologia. Disponível em: <<http://www.laa.archi.fr>>

⁵ A questão da herança de saberes é muito presente em meu trabalho e na minha reflexão sobre interdisciplinaridade, a partir da diferença ruskiana proposta por Patrick Geddes entre *Heredity*, o que herdamos passivamente, e *Heritage*, o que escolhemos herdar.

⁶ O estudo das arquiteturas tradicionais na França corresponde ao que na Inglaterra, Paul Oliver e, nos EUA, o IASTE, chamaram de "Vernacular Architecture". (cf VIARO; ZIEGLER, 2007, p. 22)

⁷ O Laboratoire Architecture/Anthropologie na ENSAPLV (Ecole Nationale Supérieure d'Architecture de Paris La Villette), que tenho a honra de coordenar, foi criado em 1986.

⁸ É preciso lembrar que as escolas de arquitetura são criadas na França a partir de maio de 1968, quando a separação da Escola de Belas Artes (Beaux Arts) leva à criação de Unidades pedagógicas em Arquitetura independentes que correspondem,

hoje, mais ou menos (por causa de várias reformas e fusões impostas) às Ecoles Nationales Supérieures d'Architecture.

⁹ Um dos primeiros antropólogos a se questionar de forma pioneira sobre a diferença entre espaço e lugar foi Michel de Certeau em 1980.

¹⁰ Lembremos que o termo espaço vem do grego *spàdion* ou *stàdion*, lugar ou tempo que há entre dois termos. No francês antigo *espace* (espaço) significava sobretudo um lapso de tempo, uma duração: "o sol ocupa o *espace* do dia". Esta *mimesis* entre espaço e tempo, nos leva a entender seu valor absoluto. Ao contrário *lieu* (lugar), de *locus* ou *st-locus* latino, é o espaço que um corpo ocupa, o local. A palavra *stèle* (estela, placa com inscrição), intimamente ligada à palavra *lieu* (lugar), nos indica precisamente onde está algo.

¹¹ Trata-se aqui da importante reflexão feita por Augustin Berque (2000) sobre a diferença entre *topos* e *chôra*: "Pois o ecúmeno, como relação humana na escala terrestre, nunca se limitou ao *topos* dos corpos localizáveis; ele sempre foi, também, constituído das representações que os sujeitos humanos fazem das coisas, e então a concreta ligação ao corpo material das coisas leva ao que para nós é a realidade. Esta vai além então do *topos* dos corpos; Berque compreende igualmente *chôra*, quer dizer um meio existencial fora do qual eles são uma abstração. Na realidade, então, o ecúmeno é ao mesmo tempo *topos* e *chôra*. Ele é mensurável como o corpo, e incomensurável como as sensações ou os símbolos que são ligados e fazem as coisas, não simples objetos". (BERQUE, 2011)

¹² O grande problema desta interdisciplinaridade é a completa submissão das Ciências Humanas e Sociais à Arquitetura, sabendo-se que esse tipo de relação foi construído dos dois lados: o projeto, neste caso, é um ato criativo, feito pelo arquiteto que deve se alimentar de vários elementos (culturais, simbólicos, sociológicos, etc) fornecidos pelas Ciências Humanas e Sociais. O caso da relação de Alban Bensa com Renzo Piano para o projeto do Centro Cultural Tjibaou na Nova Caledônia (1989-1998) é típico. Esse tipo de relação leva também a considerar as Ciências Humanas e Sociais como "garantias" de uma abordagem sensível para os projetos arquitetônicos e urbanísticos. Em experiências pessoais vi diversas vezes a inserção de nomes de pesquisadores ou laboratórios do campo das Ciências Humanas e Sociais em projetos para mostrar que as equipes levam em conta esse aspecto "humano" e "sensível": as colaborações se resumem a uma pequena pesquisa pelo laboratório (sempre uma pesquisa de base) que será incluída, mesmo tendo pouco dialogado, no relatório final (ou no projeto) do arquiteto-urbanista.

¹³ Um dos grandes pressupostos da Antropologia, a presença do pesquisador no trabalho de campo que conduz inevitavelmente a modificações de situações e práticas, é raramente levada em conta nessa busca de *topoi*.

¹⁴ Sobre este tema, lembro do importante trabalho de Jean Michel Leger, de 2006.

¹⁵ NdT: a expressão Trente Glorieuses diz respeito a um período próspero de crescimento econômico de mais ou menos 30 anos, desde o final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, até a crise mundial do petróleo, em 1973.

¹⁶ Refiro-me ao pensamento moderno em geral e não somente ao Movimento Moderno em Arquitetura e Urbanismo consolidado por Le Corbusier e declarado pela Carta de Atenas publicada em 1943.

¹⁷ Lembremos que Michel de Certeau, assim como Paul Ricœur tiveram seu reconhecimento na França após sua passagem pelos EUA. De Certeau ensinou em San Diego nesta época do lançamento do seu livro, que teve péssimas críticas na França e fez um grande sucesso nos EUA. Seu reconhecimento deu-se graças ao apoio de Marc Augé, que retoma passagens fundamentais deste livro (*Invenção do Cotidiano*) no seu próprio livro *Non-lieux* (1992) – como por exemplo a distinção entre espaço e lugar – e, posteriormente, como presidente da EHESS, o convida a voltar à França.

¹⁸ Refiro-me a Faculdade de Arquitetura e não Escola de Arquitetura já que a França é o único país da Europa que trata academicamente a Arquitetura de forma diferente das outras disciplinas. O Urbanismo é ligado ao Ministério da Educação Nacional e a Arquitetura ao Ministério da Cultura.

¹⁹ O caso italiano é tomado aqui como contra exemplo por duas razões: a primeira, mais geral, diz respeito a uma pedagogia universitária em Arquitetura na Itália que influenciou enormemente outros países europeus com exceção da França; e a segunda razão, mais pessoal: eu me formei em Arquitetura em Veneza, em meio a essas questões, e não percebo qualquer ressonância delas nas escolas francesas.

²⁰ Encontramos também, hoje, as reflexões de Bruno Latour na aplicação arquitetônica da teoria dos atores-redes (LATOURET; YANEVA, 2008), e o trabalho de antropólogos, como Sophie Houdart (2009) na França e Alben Yaneva (2009) na Inglaterra, que fizeram etnografias em escritórios de grandes arquitetos (Kuma Kengo e Rem Koolhaas) para compreender como, por quais caminhos, estes produzem suas arquiteturas.

²¹ Joseph Stübben (1845-1936) está entre os fundadores da disciplina urbanística (com Camillo Sitte na Áustria, Raymond Unwin na Inglaterra, Ildefonso Cerdà na Espanha), é autor alemão do importante *Der Städtebau* (1890).

²² Geddes analisa a situação parisiense em comparação com as outras grandes capitais europeias em pleno desenvolvimento moderno no seu *report* sobre Dunfermline, cidade escocesa

em pleno desenvolvimento industrial. Cf. *Dunfermline: City Development: A Study of Parks, Gardens and Culture Institutes. A report by Carnegie Dunfermline Trust*, Edinburg 1904. (FERRARO, 1998, p. 217)

²³ “Diagnóstico antes do plano” se tornou o *slogan* Geddesiano por excelência, entretanto este mostra pouco da sua complexa visão do diagnóstico (*survey*), retomada depois por Giancarlo De Carlo, para quem o próprio plano já começava no momento do diagnóstico.

²⁴ Assim Lewis Mumford, outro grande historiador do urbanismo americano, descreve o trabalho de Geddes no artigo “Mumford on Geddes” publicado em *The Architectural Review* em 1950. (FERRARO, 1998, p. 269)

²⁵ Dentre os mais importantes: Jaap Bakema, holandês, Georges Candilis, grego que trabalhava na França, Giancarlo De Carlo, italiano, Aldo van Eyck, holandês, Alison et Peter Smithson, ingleses, Shadrach Woods, nascido nos EUA e trabalhava na França. (Cf. RISSELADA; VAN DEN HEUVEL, 2005)

²⁶ Entre outros, no fim do século XIX Pyotr Krapotkin, cientista russo e Elisée Reclus, geógrafo francês, que representava para a Geografia o que Geddes significou para o Urbanismo. Não podemos esquecer a contribuição fundamental deste último ao estudo direto da natureza, propondo uma outra forma de “fazer a geografia” com seus pés, olhos, sentidos, além de seus livros: os magníficos *Histoire d'un ruisseau* (1869) e *Histoire d'une montagne* (1880) são exemplos deste “fazer a geografia”. Elisée Reclus entre outros nos deixou, uma ideia de Geografia social e uma crítica da cartografia absolutamente contemporâneas.

²⁷ Depois das experimentações de Geddes no começo do século XX, entre as duas guerras, e no final da Segunda Guerra, durante a reconstrução, caminhos paralelos na Europa e no mundo continuam este Urbanismo (e Arquitetura) humanista. Para citar somente alguns: na Itália as figuras de Adriano Olivetti, e a revista *Comunità*, Ludovico Quaroni, Carlo Doglio, Danilo Dolci, além de Giancarlo De Carlo, na Bélgica Lucien Kroll, nos EUA Paul e Percival Goodman, Christopher Alexander com o *advocating planning*, na Índia Balkrishna Vithaldas Doshi . . .

²⁸ São célebres as reflexões alimentadas pela Antropologia, de Aldo Van Eyck, arquiteto holandês do Team Ten, sobre os vilarejos dos Dogons, os pueblos precolombianos ou as favelas no Peru, mas também a necessidade que esse autor expressou sobre o trabalho interdisciplinar entre Antropologia e Arquitetura. (VAN EYCK, 1972, p. 91-128)

²⁹ Sobre a evolução dos objetos da *anthropologie de l'espace* ver o artigo bem completo de Alain Viaro e Arlette Ziegler (2007).

³⁰ Mas, também, para não cair nas mesmas armadilhas, nem mesmo da Geografia e da Economia etc.

³¹ Ao me posicionar assim, não nego a existência de uma ótima arquitetura realizada por arquitetos que não usam, por diferentes motivos, processos participativos.

³² Mesmo a participação dos habitantes é “especializada” e temporalizada. . .

³³ Arquitetos, antropólogos, geógrafos, urbanistas, cientistas políticos, paisagistas. . . pesquisadores do Laboratoire Architecture/Anthropologie (LAA).

³⁴ São sempre atribuídos três níveis para Arquitetura: a disciplina, o objeto e a profissão.

³⁵ Existe um interessante debate entre uma antropologia *na* cidade (antropologia urbana) e uma antropologia *da* cidade, reivindicada já há alguns anos por alguns antropólogos como Michel Agier (1999).

³⁶ Me refiro a estudos de caso onde o espaço se torna pura cenografia de interações, o que chamo de antropologia *na* cidade (antropologia urbana), e não uma antropologia *da* cidade.

³⁷ Estamos convencidos que estes projetos só podem ser conduzidos de forma modesta e paciente, mesmo se as escalas em questão são enormes e os tempos das mudanças cada vez mais rápidos.

³⁸ O presidente da França lançou em 2008 uma consulta internacional com 20 equipes de arquitetos, para pensar o futuro da capital francesa “Le Grand Paris de l’agglomération parisienne”, promovida pelo Ministère de la Culture et de la Communication; em 2009 abril na Cité de l’Architecture et du Patrimoine a exposição que relatava os trabalhos dessas 20 equipes, e que instalou um debate permanente na cidade (sites na internet participativos, audiências públicas, artigos. . .). (OBSERVATOIRE DU GRAND PARIS, 2009; SOTGIA, 2011)

³⁹ Por exemplo, nós estamos terminando agora uma etnografia do projeto do futuro grande *hub* metropolitado do Le Bourget, e ao mesmo tempo uma etnografia no território onde este deverá se implantar para compreender como esta transformação é percebida pe narrada pelos habitantes mas também por todos os outros atores do território. Cf. *Qualifier la transformation, ou comment se projette l’idée de qualité de vie dans le futur Grand Paris*, <http://www.laa.archi.fr/spip.php?article256>, Mas também teses de doutorado que procuram ferramentas para etnografar essa transformação territorial estão sendo realizadas no Laboratoire Architecture/Anthropologie, como por exemplo pela doutoranda Maria Anita Palumbo sobre a transformação lenta e imperceptível do bairro da Goutte d’Or, ou ainda a tese da doutoranda Federica

Gatta que busca relacionar as contínuas transformações Boulevard Périphérique em Paris (transformação presente desde sua construção) dentro deste contexto do Grand Paris, a partir de uma observação etnográfica minuciosa de alguns lugares escolhidos onde este fenômeno pode ser manifestar de forma particular.

⁴⁰ Ver: <http://observatoiregrandparis.org>.

⁴¹ Patrick Geddes funda em 1892 o primeiro Observatório de Cidade, em Edinburgh, a *Outlook Tower*, que era um dispositivo para os habitantes e os pesquisadores de várias disciplinas reencontrarem a cidade e onde foi organizado um museu regional e um centro de *survey* permanente sobre a cidade.

ABELES, M. Organisation de l’espace, organisation dans l’espace *L’Homme*, n. 2, 1984. p. 109-111. t. 24

AGIER, M. *L’invention de la ville: banlieues, townships, invasions et favelas*. Paris: Éditions des archives contemporaines, 1999.

AGIER, M. *Esquisses d’une anthropologie de la ville*. Luvain: Bruylant-Academia, 2009.

ALTHABE, G.; LEGE, B.; SELIM M. *Urbanisme et réhabilitation symbolique*. Paris: Anthropos, 1984.

ALTHABE, G. et al. *Urbanisation et enjeux quotidiens*. Paris: Anthropos, 1985.

ALTHABE, G.; FABRE, D.; LENCLUD, G. (Org.). *Vers une ethnologie du présent*. Paris: éd. MSH, 1992.

AUGE, M. *Non-Lieux, introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Paris: Le Seuil, 1992.

AUGE, M. *Pour une anthropologie des mondes contemporains*. Paris: Aubier, 1994.

BALANDIER, G. *Anthropologiques*. Paris: PUF, 1976.

BENSA, A. *La fin de l’exotisme. Essais d’anthropologie critique*. Toulouse: Anarcharsis, 2006.

BERQUE, A. *Écoumène. Introduction à l’étude des milieux humains*. Paris: Belin, 2000.

BERQUE, A. *Milieu et identité humaine. Notes pour un dépassement de la modernité*. Paris: ed. donner lieu, 2010.

BERQUE, A. Poétique naturelle, poétique humaine. Les profondeurs de l’écoumène. In: BERQUE, A.;

- BIASE, A. de; BONNIN, Ph. (Org.). *La poétique de l'habiter*, Actes du colloque de Cerisy la Salle. Paris: éd donner lieu, 2011.
- BIASE, A. de; ROSSI, C. (Org.). *Chez nous. Identités et Territoires dans les Mondes Contemporains*. Paris: Editions de La Villette, 2006.
- BIASE, A. de. Comme Architecture globale, *cahiers de la recherche architecturale et urbaine*, numéro monographique. *L'espace anthropologique*, n. 20-21, p. 42-47, 2007.
- BIASE, A. de. Habiter la nostalgie. Notes pour un terrain post-global. In: BERQUE, A.; BIASE, A. de; BONNIN, Ph. (Org.). *L'habiter dans sa poétique première*, Actes du colloque de Cerisy la Salle, Paris: éd donner lieu, 2008.
- BIASE, A. de. *Véniens dans la Pampa. Anthropologie d'une double identité au Rio Grande do Sul, Brésil*. Paris: L'Harmattan, 2009.
- BIASE, A. de. Non è polvere su una giacca. *Lo squaderno*, n.16, 2010. Disponible em: <<http://www.losquaderno.professionaldreamers.net/>>.
- BIASE, A. de. Pour une poétique du 'faire avec'. In: BERQUE, A.; BIASE, A. de; BONNIN, Ph. (Org.). *La poétique de l'habiter*, Actes du colloque de Cerisy la Salle, Paris: éd donner lieu, 2011a.
- BIASE, A. de. Replacer le regard, créer des écarts. In: DUARTE, Cristiane Rose; VILLANOVA, Roselyne de (Ed.) *Nouveaux regards sur l'habiter Outils et méthodes, de l'architecture aux sciences sociales*. Paris: Le manuscrit, 2011b.
- BIASE, A., ZANINI, P. Ereditare il futuro? In: *La prima volta*, Catalogue, Roma: Laterza, 2011.
- CERTEAU, M. de. *L'invention du quotidien – Arts de faire 1*, Paris: Gallimard, 1980.
- CALLON, M. Le travail de la conception en architecture. *Les Cahiers de la recherche architecturale*, n. 37, 1996.
- CONDOMINAS, G. Pour une définition anthropologique de l'espace social. In: *Asie du Sud-Est et Monde Insulindien*. CEDRASEMI, v. 8, n. 2, 1977.
- DE CARLO, G. L'architettura della partecipazione. In: RICHARDS, J.M.; BLAKE, P.; DE CARLO, G.. *L'architettura degli anni Settanta*. Milano: il Saggiatore, 1973. p. 87-142.
- DIDI-HUBERMAN, G. *L'Œil de l'histoire - Remontages du temps subi*. Paris: Minuit, 2010. t. 2
- EYCK, A. van L'intérieur du temps, *Le sens de la ville*. Paris: Seuil, 1972. p. 91-128.
- FARINELLI, F. *Geografia. Un'introduzione ai modelli del mondo*. Torino: Einaudi, 2003.
- FERRARO, G. *Rieducazione alla speranza. Patrick Geddes planner in India, 1914-1924*. Milan: Jaca Book, 1998.
- HALL, E. *La dimension cachée*. Paris: Seuil, 1971.
- HOUDART, S. Quand la culture prend formes. *L'Homme*. 166, p. 217-224, 2003.
- HOUDART, S.; MINATO, C. *Kuma Kengo. Une monographie décalée*. Paris: donner lieu, 2009.
- LABORATOIRE ARCHITECTURE/ ANTHROPOLOGIE - LAA. *Les réenchantement de La Courneuve*, rapport de recherche, PUCA, 2009.
- LABORATOIRE ARCHITECTURE/ ANTHROPOLOGIE - LAA. *Habiter en hauteur à Paris ou comment se construit la notion de hauteur dans une métropole contemporaine*, rapport de recherche. Mairie de Paris, 2009.
- LA CECLA, F. *Contre l'architecture*. Paris: Arléa, 2010.
- LATOURE, B. *La Science en action*. Paris: La Découverte, 1989.
- LATOURE, B.; YANEVA, A. Donnez-moi un fusil et je ferai bouger les bâtiments' Le point de vue de la théorie de acteur-réseau sur l'architecture. In: GEISER, Reto (Ed.) *Explorations in Architecture: Teaching, Design, Research*. Basel: Birkhäuser, 2008. p. 80-89.
- LEGER, J-M. *Yves Lion. Logements avec architecte*. Paris: Créaphis, 2006.
- LEVI-STRAUSS, C. *Anthropologie structurale I*. Paris: Plon, 1958.
- LAUGIER, L. L'éthique comme politique de l'ordinaire. *Multitudes* n. 37/38. Politique du care. 2009.
- LOUBES, J-P. Chine: fabrication du style néo-ouïgour. *Etudes Orientales*, Juin, 2008.
- OBSERVATOIRE DU GRAND PARIS. *L'exposition*. 2009. Disponible em: <<http://issuu.com/>>

observatoiregrandparis/docs/ogp_01?AID=10752329&PID=3662453&SID=skim725X93812X05a292261da33c969e8ec0a14ed9ca2f>.

PAUL-LEVY, F.; SEGAUD, M. *Anthropologie de l'espace*. Paris: Centre Georges Pompidou, 1983.

PETONNET, C. *On est tous dans le brouillard: Ethnologie des banlieues*. Paris: Galilée, 1979.

RISSELADA, M.; HEUVEL, D. van der. (Org.). *Team 10. 1953 – 1981*. In: *Search of A Utopia of the Présent*. Rotterdam: NAI Publishers, 2005.

ROBIN, Ch. *Espaces des autres*. Paris: Editions de La Villette, 1987.

ROBIN, Ch. *La ville européenne exportée*. Paris: Ed. de La Villette. 1992. (2.v)

SEGAUD, M. *Anthropologie de l'espace : habiter, fonder, distribuer, transformer*. Paris: Armand Colin, 2007.

SENNETT, R. *Ce qui sait la main, La culture de l'artisanat*. Paris: Albin Michel, 2010.

SOTGIA, A. *Edifier sans bâtir, Le Grand Paris, métropole du XXIe siècle*, Post-doc. Research in Paris. Mairie de Paris 2009-2010. 2011. Disponible en: <http://www.laa.archi.fr/spip.php?article253>.

VIARO, A., ZIEGLER, A. De l'architecture vernaculaire au post-global: quelques reperes. *Cahiers de la recherche architecturale et urbaine*, numéro monographique "l'espace anthropologique", n. 20-21, p. 21-31, 2007.

VIRILIO, P. *L'espace critique: essai sur l'urbanisme et les nouvelles technologies*, Paris: éd. Christian Bourgois, 1984.

YANEVA, A. *Made by the Office for Metropolitan Architecture. An Ethnography of Design*. Rotterdam: 010 Publishers, 2009.